

Cordelistas no processo migratório: a expressão da experiência feminina e nordestina

Ana Aparecida Alves Pereira Oliveira¹

Maria Clara Pereira Soares^{2*}

RESUMO

A migração de diversos nordestinos desde épocas passadas até os dias de hoje teve como impulso a situação em que estes viviam na região do sertão. A seca e as desigualdades foram motivadoras do êxodo para os centros urbanos da região Sudeste. Os cordelistas foram também alguns sujeitos desse processo, impulsionando a produção da literatura em outras regiões do país. O cordel original do Nordeste começa a se espalhar muito fortemente pelo Brasil a partir do movimento migratório de homens e mulheres. Tendo isso em vista, neste artigo, entendendo o cordel nordestino como um gênero literário característico do Brasil, buscaremos identificar como esse representa costumes, práticas e comportamentos específicos da cultura nordestina. Assim como também buscaremos compreender o processo migratório de mulheres da região para o Sudeste. Com relação a autoria feminina no cordel e a representação do contexto migratório, partiremos de uma entrevista e da análise de textos da cordelista cearense, hoje radicada no Rio de Janeiro, Dalinha Catunda, cuja experiência se situa no contexto do processo migratório, refletindo-se profundamente na elaboração dos seus textos.

Palavras-chave: Cordel. Migração. Autoria. Mulheres. Gênero.

1. Introdução

A migração é um fenômeno marcante na história do Brasil. Durante determinados períodos históricos, o deslocamento de pessoas de diversas regiões do país, especialmente, para o Sudeste brasileiro expressa mudanças significativas no cenário social, político e

¹Professora. Graduada em Letras pela Faculdade IESA de Santo André. Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pelo Centro Universitário Fundação Santo André. Publicou o artigo **Identidade e Diferença em Mariângela: a representação literária da mulher e das formas de exclusão**. In: Scótollo Irene (org.). A Leitura como ofício, ed. Porto de ideias, 2015. Mestranda no programa de pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC. E-mail: <ana.aparecida@ufabc.edu.br>.

^{2*} Cordelista. Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal de São Paulo. Publicou o artigo: **Onde está a terra? Indagações sobre a função social e o direito à moradia em Santos – SP**, Unifesp, 2013. Mestranda no programa de pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do ABC. E-mail: <mariaapsoa@gmail.com>.

econômico. A partir da política desenvolvimentista iniciada na segunda metade do século passado, homens, mulheres e crianças dos mais diferentes contextos migraram para cidades como Rio de Janeiro e São Paulo em busca de novas oportunidades de trabalho. Nesse artigo, buscaremos tratar especificamente da migração nordestina e de como ocorre este fenômeno, que para esta população tem motivações particulares, incluindo a seca.

No contexto da migração nordestina não é apenas a força de trabalho o que esses homens e mulheres levam para a região sudeste, mas também a inventividade, a cultura popular e as formas de expressão próprias de seu povo. Nesse sentido, o cordel assume um lugar significativo no que se refere a representação da identidade nordestina. Para as/os migrantes, o cordel é retomado como um modo de manter o vínculo com a cultura na qual se originaram e com a qual se identificam enquanto sujeitos.

Para abordar o tema, dividimos este artigo em três seções elaboradas por meio de uma revisão bibliográfica e uma entrevista. Na primeira, abordamos o cordel no contexto da migração nordestina, apresentamos dados relativos a migração e alguns autores migrantes que utilizam o cordel como um meio de difundir a cultura nordestina e como um modo de manter o vínculo com a sua identidade cultural.

Na segunda traçamos um panorama sobre o gênero literário, cordel brasileiro, como forma de expressão popular, artística particularmente nordestina, por meio da qual homens e mulheres nordestinos, em diferentes momentos da história, expressaram a sua realidade. Por último, apresentamos uma análise sobre os textos da autora Dalinha Catunda, cuja obra, em grande parte, versa sobre a questão feminina e da migração. Dalinha é uma personagem real e icônica do contexto no qual se desencadeia a motivação da migração de mulheres. Sua trajetória é marcada pelo embate numa sociedade patriarcal e conservadora e pela busca de autonomia e da liberdade.

Compreendemos que este artigo se propõe a uma breve discussão sobre o tema e que aqui não se busca esgotá-lo. Por outro lado, esperamos contribuir com o nosso ponto de vista sobre o entrecruzamento de dois temas, a migração da mulher nordestina e sua expressão no cordel.

2 . Migração: o cordel como anti-desraizamento e anti-aculturação?

Ao longo do tempo, diversos temas foram desenvolvidos nas poesias rimadas do cordel. De certo, essa expressão cultural é oriunda da região nordeste, que é formada por nove estados, com área territorial 1.561.177,8 km². Trata-se da primeira região povoada no Brasil.

O Nordeste é composto por extensos sertão e caatinga – esses dois elementos formam a zona litoral e interior. Tem como característica a diversidade climática, em que se identifica a seca. Com o passar do tempo existiu e ainda existe uma grande desigualdade social entre os povos na região. A seca deixa de ser meramente um problema natural, tornando-se um problema social.

Prestes necessidades e beneméritos, sem elas seria impossível a indústria das secas, tão rendosa; sem elas, como manter a sociedade constituída e conter o povo, de todas as pragas a pior? Imagine, meu velho, essa gente com saúde e sabendo ler, que perigo medonho! (AMADO, 1978, p. 189).

Mesmo sendo a primeira região povoada pelos portugueses, são elevados os seus índices de desigualdades: segundo o IBGE, houve aumento de 24% nos números de empregos sem carteira assinada entre 2000-2010. No mercado de trabalho, os informais são 59,4%. O nível de escolaridade em ensino fundamental incompleto é de 48,1%. A mortalidade infantil – menos de cinco anos - apresenta números alarmantes, dos maiores índices do Brasil: meninos 105,7%, meninas 86,1%; desses, 102,1% são negros.

Mesmo vivenciando uma seca devastadora, é constituída por locais que se mostram abundantes em águas. Por exemplo, o Rio São Francisco que percorre quatro estados nordestinos: Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Bahia.

Vale pontuar que esse mesmo Rio sofre ameaças do uso de suas extensões para criação de hidrelétricas. Sabemos que essas não serão para os interesses do povo trabalhador e pobre. Uma grande ironia, visto que por um lado há gente morrendo pela seca, ao mesmo tempo em que a região conta com recursos que podem amenizar a situação dos nordestinos.

Neste cenário, a seca foi um dos motivos para a migração dos nordestinos pelo país afora. Segundo IBGE 2007, 19,7 milhões de pessoas migraram no país, 53,5% eram nordestinos e 66,7% se destinaram a região sudeste.

Logo no primeiro dia, estudando a realidade nordestina, vimos que a miséria do Nordeste é causada, mas pela justiça organização socioeconômica e política, do que pelo flagelo da seca. Pois os ricos, mesmo com a seca, continuavam bem, e até se tornam as vezes, mais ricos, com os proprietários que se enriquecem com os benfeitores que o Programa de Emergência constrói em suas terras, com o suor dos pobres que não recebem nem o salário mínimo (MEDEIROS FILHO & SOUZA, 1984, p. 104)

Além disso, desde muito tempo, autores nordestinos utilizam a seca como um tema de seus escritos.

Na de 1915, a escritora Rachel de Queirós inspirou-se para escrever “O Quinze”, sua obra mais conhecida; por sua vez, Graciliano Ramos também publicou um grande livro, “Vidas Secas”, em que escreve as agruras do sertanejo, além de José Américo de Almeida e José Lins do Rego que retratou, em suas obras, a vida no sertão (SILVA, 2008, p. 12).

Em meio a esse contexto que nasce o Cordel tipicamente nordestino, no final do século XIX. Tanto temas político-críticos quanto características culturais - e o comportamento - do nordestino que são representados nos cordéis. Já nesse período, o autor Leandro Gomes de Barros abordava, com o folheto *O Retirante*, o tema da migração para qualquer lugar do país, cujas causas eram a seca e a angústia do sertanejo em tempos de estiagem.

O deslocamento desses sujeitos, em si, não é a única questão a ser observada, até hoje sabemos que cidades com grande poder econômico no país foram constituídas por nordestinos e são movimentadas também pela existência de trabalhadores que buscaram nesses locais a fuga da grande pobreza que atinge o Nordeste; além de novas oportunidades para a sobrevivência. Dentre esses, encontramos poetas cordelistas que vivem no Rio de Janeiro. É o caso de Dalinha Catunda, natural do Ceará, integrante da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, autora de **Cidade Maravilhosa: 450 anos** e Rosário Pinto, natural do Maranhão, autora de **Fuxico de Mulheres: uma peleja virtual** e diversas outras edições com temas femininos. Autoras das quais trataremos mais adiante.

Observamos que essa trajetória de migração possibilitou poetas abordarem temas que relacionam a saída do Nordeste e a entrada no Sudeste. Refletindo em suas poesias o cruzamento da vivência de dois mundos. Foi assim com João Antônio de Barros que chegou em São Paulo em 1970 e escreveu **A Metamorfose é em São Paulo**.

Defino “migração” como uma ação social de caráter individual ou coletiva, espontânea ou forçada, que ocorre através de um deslocamento interno (do campo para a cidade, de uma cidade para outra, no mesmo país), ou externo (de um país para o outro); envolve cruzamento de fronteiras administrativas e políticas (territórios), e fixação de nova residência, bem como um processo de desenraizamento do local de origem seguido de novo enraizamento (aculturação) no local de chegada. Os motivos da migração tanto podem ter causas sócio-econômicas e políticas, como também podem estar associados a dimensões subjetivas (LISBOA. Ano XIV - Números 26 e 27 – 2006. Pg. 152).

Todavia, tanto no contexto da seca quanto no da produção de Cordel, é nítida a divisão no modo de vida entre as mulheres e os homens. Mesmo na segunda metade do século XIX, as mulheres tinham sua vida totalmente privada, seus afazeres eram domésticos, quase não tinham acesso aos estudos, pois eram limitadas a aprender apenas as tarefas da casa. Por muitos anos, desde surgimento do Cordel, os homens tinham o protagonismo nas produções. Existem registros que a primeira mulher a publicar um cordel utilizou um pseudônimo masculino devido ao grande preconceito que existia na época, sobre isto abordaremos mais detalhadamente adiante. Isso também se expressa no processo migratório. As primeiras

migrações nordestinas ocorreram por diversos fatores: trabalho, acompanhar a família, moradia e etc., o que encontramos em pesquisas como as do IBGE (figura 1):

TABELA 1
Distribuição dos Migrantes, por Sexo, segundo Motivos
Declarados para o Último Deslocamento
Brasil – 2001

Motivos Declarados	Em porcentagem		
	Homens	Mulheres	Total
Total	100,0	100,0	100,0
Trabalho da Pessoa	34,7	11,8	23,1
Estudo da Pessoa	2,7	3,2	2,9
Saúde da Pessoa	1,6	1,6	1,6
Moradia	11,0	9,4	10,2
Acompanhar a Família	39,6	63,0	51,5
Dificuldade no Relacionamento Familiar	1,5	2,4	2,0
Outro Motivo	8,9	8,5	8,7
Ignorado	0,1	0,1	0,1

Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2001.

Figura 1 - Fonte: Motivos para migração no Brasil e retorno ao nordestino. São Paulo em perspectiva.

v. 19. n 4. 2005 p. 135

TABELA 2
Distribuição dos Migrantes, por Motivos Declarados para o Último Deslocamento, segundo Faixa Etária
Brasil – 2001

Faixa Etária	Em porcentagem							
	Trabalho da Pessoa	Estudo da Pessoa	Saúde da Pessoa	Moradia	Acompanhar a Família	Dificuldade no Relacionamento Familiar	Outro Motivo	Total
0 a 4 Anos	0,3	0,4	0,4	3,5	89,2	0,9	5,3	100,0
5 a 9 Anos	0,2	1,5	0,7	4,8	87,7	1,0	4,1	100,0
10 a 14 Anos	0,8	3,5	0,5	4,4	84,1	1,9	4,8	100,0
15 a 19 Anos	13,6	9,3	0,6	6,4	59,9	2,5	7,7	100,0
20 a 24 Anos	33,1	6,5	0,9	9,7	38,8	2,0	9,0	100,0
25 a 29 Anos	38,6	2,2	0,9	12,1	35,1	2,1	9,0	100,0
30 a 34 Anos	38,4	1,2	1,4	13,6	32,0	2,6	10,8	100,0
35 a 39 Anos	40,1	0,6	1,4	15,4	30,5	2,5	9,5	100,0
40 a 44 Anos	39,3	0,5	2,0	15,1	30,3	2,4	10,5	100,0
45 a 49 Anos	41,1	0,5	2,2	13,4	29,6	1,9	11,3	100,0
50 a 54 Anos	33,4	0,3	4,6	14,8	28,8	1,8	16,3	100,0
55 a 59 Anos	24,9	0,1	6,6	17,0	32,7	2,2	16,5	100,0
60 a 64 Anos	19,2	0,1	7,0	23,2	29,8	1,5	19,1	100,0
65 Anos e Mais	8,4	0,2	14,1	23,3	34,7	2,2	17,1	100,0

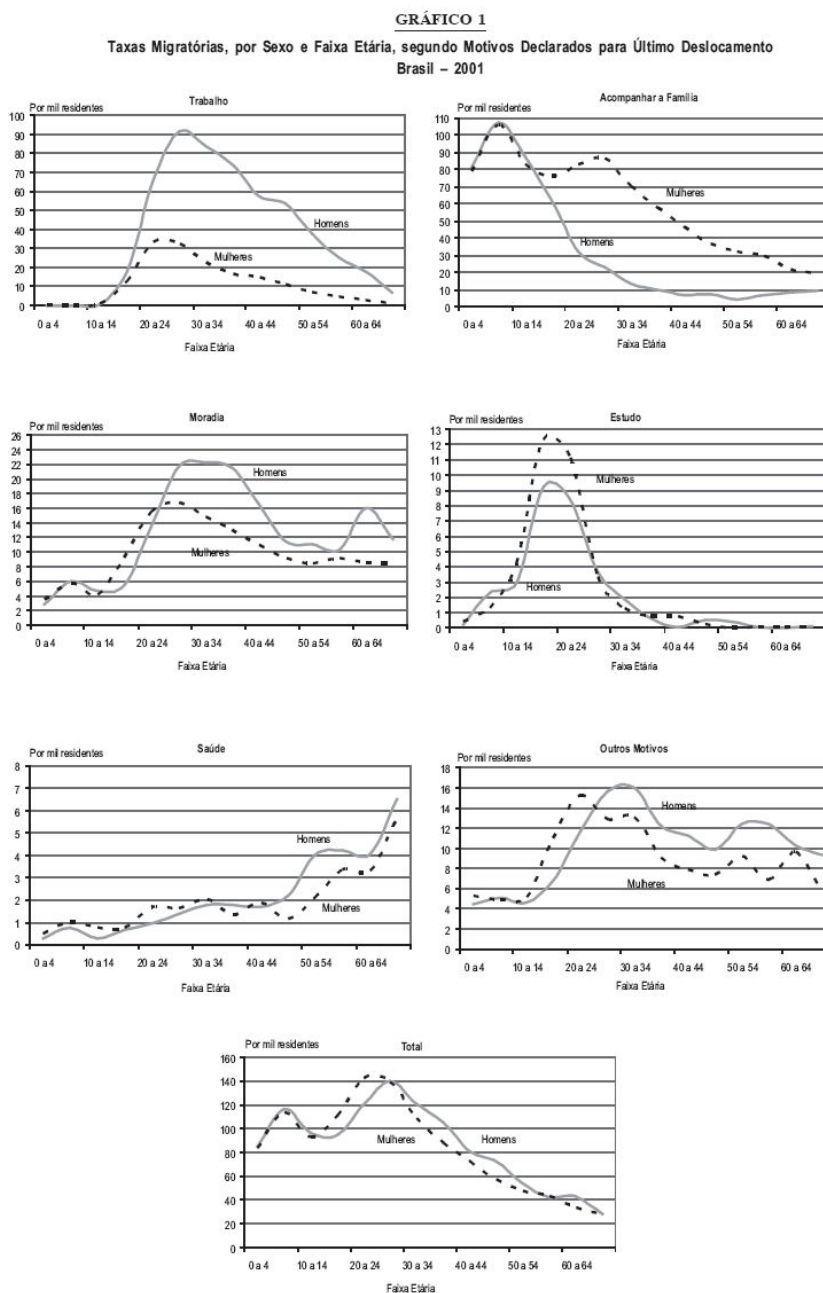
Fonte: IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2001.

Figura 2 - Fonte: Motivos para migração no Brasil e retorno ao nordestino. São Paulo em perspectiva. v. 19.

n 4. 2005. p. 136.

Quando vemos as condições e conversamos com algum nordestino, observamos que o maior motivo da migração é o fator econômico seguido da procura de acesso aos serviços públicos. Por outro lado, se analisarmos a tabela acima observaremos que, num recorte de gênero, o número de mulheres que migram para acompanhar a família é superior ao de homens que migram por esse motivo. Ao passo que o número de homens que migram por motivo de trabalho é expressivamente superior em relação ao número de mulheres que migram pela mesma razão.

Observamos também que o motivo citado (acompanhar família) é expressivo na faixa etária de 0 a 19 anos (figura 2).



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2001.

Figura 3 - Fonte: Motivos para migração no Brasil e retorno ao nordestino. São Paulo em perspectiva. v. 19. n 4. 2005. p. 137

Portanto, as mulheres e as crianças vêm acompanhadas pelos chefes de família que são os homens. O número de mulheres que migram como chefes de família é de menos de 10%, já os homens 35%, segundo IBGE 1991. Entre os gêneros dos filhos há pouca diferença: mulheres 35% e homens 40%.

Vale também ressaltarmos que, quando as mulheres migram como chefes de família, estas não vem acompanhadas de seus cônjuges. Menos de 1% tem marido ou companheiro. Em geral, essas mulheres migram solteiras e separadas, a procura de emprego e de sua autonomia.

Com o avanço das discussões feministas e a procura de emprego, após as mulheres saírem do seu posto de donas de casa, passaram a ocupar os espaços públicos, nos locais de estudos, trabalho, criando uma maior independência, os dados das migrações mudaram um pouco.

Motivos como trabalho e estudo passaram a ser das mulheres também. Além disso, surgem elementos novos nas causas das migrações, como a opressão, a discriminação e a violência de gênero. Muitas mulheres, quando percebem algum desses motivos, procuram refúgios e a sua independência fora da casa dos pais e dos ex-maridos.

A presença das mulheres é marcante na faixa etária jovem, em que o fluxo migratório é maior, 56% do total dos jovens na migração é feminina, entre 24 e 35 anos. O Rio de Janeiro é o destino predominante. Isso se explica pelo fato de essas jovens, em sua maioria, não terem filhos e poderem conseguir emprego em casa de família como empregada doméstica. O que também identificamos é que há um grande número de mulheres, especialmente, negras e nordestinas, ocupando esses postos de trabalho.

3. O que é Cordel brasileiro?

O que na história se conta é que o cordel surgiu em Portugal através das “folhas volantes” ou “folhas soltas”, nomeado como “literatura de cordel”. No entanto, estudos mais recentes revelam que o cordel brasileiro se difere do português, pois as suas métricas e formas são distintas. Conforme afirma Luciano (2012, p. 7): “ [...] a dominação “literatura de cordel” levava-o para uma gênese ibérica, por causa da tradição da literatura de cordel portuguesa do século XVII”.

O cordel brasileiro, particular e originalmente nordestino, apesar de alguns laços forçosos com os seus irmãos ibéricos, surgiu e se desenvolveu nas últimas décadas do século XIX, a partir dos esforços de três poetas: Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas Batista e João Martins de Athayde. Juntos, eles foram os responsáveis pela criação de uma literatura popular única e genuinamente brasileira, tendo como modelos estéticos e textuais os estilos da poesia oral improvisada.

O Cordel é um gênero literário da literatura brasileira, cujas características são a poesia rimada, metrificada, geralmente escrita em suas estrofes por seis versos, sextilhas, que também pode ser composta por septilhas ou decima, respectivamente, com estrofes de sete e dez versos.

Sobretudo, ressaltamos que o Cordel não é apenas a poesia em si, mas também as pessoas que a fazem. Isso é, está para além da tríade metro, rima e oração. Nesse sentido, os cordelistas, assim como qualquer homem ou mulher, estão vinculados ao seu tempo e, por isso, nas poesias que escrevem encontramos ligações diretas com o seu contexto histórico. Desse modo, um texto de cordel pode ser uma base documental exponencial para o fazer do historiador.

Assim, quando o cordelista faz sua poesia fincada na tradição popular e descreve de forma rimada cenas da realidade do cotidiano do nordestino, essa expressão literária traz à tona valores e simbologias próprias às pessoas que nasceram, cresceram e viveram (ou vivem) em solo nordestino. O autor de Cordel, ao escrever, elabora uma caracterização e confere aos nordestinos uma identidade única que pode ser visualizada por meio desse tipo de literatura.

Forjado por poetas populares do nordeste brasileiro, o Cordel se transformou em expressão literária tipicamente atrelada aos que habitavam a região em que se deu o seu surgimento e desenvolvimento. Esse tipo de literatura se consagrou como uma cultura ligada diretamente ao nordestino e, nesse percurso, passou a expor em seu conteúdo momentos inerentes a realidade desta região.

De certo, a análise desse tipo de literatura nos proporciona um conhecimento histórico. Atualmente, temos notícia que existem cordelistas em todo canto do nosso país. Mulheres e homens ganham notoriedade por tratarem de uma multiplicidade de temas que vão do social ao político - passando pelo religioso - em sua poesia. Além de servir como documento histórico, o cordel pode ser útil para a compreensão da identidade nordestina nos dias atuais.

Sabemos que, ao tratarmos de Cordel, estamos trilhando o caminho do que se convencionou chamar de cultura popular:

Compreender "cultura popular" significa, então, situar neste espaço de enfrentamentos as relações que unem dois conjuntos de dispositivos: de um lado, os mecanismos da dominação simbólica, cujo objetivo é tornar aceitáveis, pelos próprios dominados, as representações e os modos de consumo que, precisamente, qualificam (ou antes desqualificam) sua cultura como inferior e ilegítima, e, de outro lado, as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de apropriação do que é imposto (CHARTIER, 1995, p. 7).

Desse modo, entendemos que abarca uma gama de fatores que perpassam o enfrentamento do que vem a ser o Nordeste para outros setores que não são, propriamente,

ligados ao território nordestino, ou seja, o que o nordeste significa para um cordelista que tenha origem na região se difere do que representa para um poeta que não possua essa identidade.

4. As mulheres cordelistas no processo migratório

4.1 Entrevista com Dalinha Catunda.

Entrevistamos Maria de Lourdes Aragão Catunda, mais conhecida como Dalinha Catunda, cordelista e contadora de histórias, natural do Ceará, que atualmente vive no Rio de Janeiro. Já produziu mais de 50 folhetos e participa da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC). Sobrinha de contadora de histórias e filha de poetisa popular, desde cedo aprendeu a expressar os seus sentimentos em versos.

Com base nos dados anteriormente apresentados, podemos afirmar que diversos motivos trazem/levam as mulheres nordestinas ao Sudeste. Inserida nesse contexto, a biografia de Dalinha demonstra que ela foi uma das jovens migrantes que se deslocaram de sua região natal para o Sudeste por não serem aceitas pela família e sociedade. *“O motivo foi uma gravidez, inesperada, de uma jovem da sociedade que, quebrando tabus, quebrou regras e quebrando regras foi expulsa do paraíso”*.

Ela nos conta que o colégio onde estudava não a aceitava grávida. Mesmo que seus pais já estivessem considerando (re) aceita-la, como se tratava do único colégio da cidade, partiu em busca de oportunidades. No entanto, a sua chegada ao Rio de Janeiro não foi fácil, no sentido de sua adaptação, bem como no que se refere às novas relações sociais que estabeleceu. Sendo notório o impacto de sua diferença como mulher nordestina, recém-chegada do interior, como ela mesma afirma: *“Foi difícil, primeiro pelo meu comportamento de menina do interior numa cidade grande. Meu modo de vestir, meu sotaque nordestino, minha sinceridade que soava como agressividade. E porque lá eu tinha tudo e aqui no Rio eu teria que começar do zero”*.

E continua:

Foi difícil, mas arranjei meu primeiro emprego num laboratório de remédios, ganhava pouco e com algum conhecimento que arrumei por lá, saí e fui trabalhar em lavanderia, atendendo telefone atendendo no balcão entre outras atividades. Não ganhava muito, mas era bem melhor e lá descobriram que eu sabia fazer concertos em roupas, aí eu passei a ganhar razoavelmente, bem. Além do salário, eu tinha a grana dos concertos que superava em muito o meu salário. Depois de algum tempo, larguei a lavanderia e passei a fazer concertos em casa para algumas lavanderias o que me rendia um bom dinheiro.

A aceitação, o reconhecimento e a persistência em preservar a identidade nordestina não foram fáceis para uma menina grávida, solteira, empenhada em construir toda a sua vida em uma cidade desconhecida. Perguntamos: Como foi para você, enquanto mulher, se mudar da sua cidade de origem e ir para o Rio de Janeiro? Ela nos responde: “*Foi difícil, pois minha cidade era o meu mundo encantado, eu não idealizava nada além dos limites da minha terra*”.

Dalinha enfrenta diversos obstáculos por ser mulher numa sociedade extremamente sexista e preconceituosa. Todavia, tais obstáculos não impediram que consolidasse a sua carreira como cordelista. Hoje, possui uma cadeira da ABLC, organização mais reconhecida pelos poetas cordelistas.

Apesar dos percalços de sua trajetória, manteve-se ligada à cultura nordestina e preservou a sua identidade. Sobre isso ela nos conta: “*O cordel propriamente dito, eu só comecei a fazer aqui no Rio e passei também a escrever mais, por conta da saudade que eu sentia do mundo que deixei para trás*”. E nos leva a pergunta: o cordel trouxe à tona lembranças que reafirmam a identidade de Dalinha enquanto mulher nordestina, uma vez que a cordelista se distanciou tão cedo de suas raízes, por ter migrado no período de sua juventude?

Para nós, a presença da poetisa no Cordel brasileiro para além de se afirmar enquanto nordestina, dentro de um cenário altamente xenofóbico, excludente e machista, mostra o lugar das mulheres letradas, mulheres que desde cedo, ou não, aprenderam a potência da poesia e, por meio dessa, propuseram-se a registrar o seu cotidiano e as suas vivências. Ela nos afirma que um dos fatores de entrar na poesia do Cordel foi o direito de ocupar esse espaço oferecendo um olhar feminino e novos temas.

A mulher que na oralidade, contava histórias, foi inspiração de poetas que produziam cordéis, a musa louvada por alguns poetas, escrachada por outros conforme o olhar de cada bardo sobre a figura feminina, com o passar do tempo e com um novo olhar, achou por bem ocupar na Literatura de Cordel, a lacuna que por direito lhe pertencia. Hoje eu posso dizer que o plantel feminino, não é pequeno, e as mulheres cordelistas escrevem seus cordéis aplicando as regras, tal qual essa literatura exige. A importância da mulher além de escrever cordel, e ocupar o seu espaço, dando fim no famoso Clube do Bolinha, onde só entrava homem, é marcar presença e trazer esse olhar feminino com novos temas para essa literatura.

Dalinha é das poucas que ocupam hoje cadeiras da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, já que essas são majoritariamente ocupadas por homens. De quarenta cadeiras, apenas seis são ocupadas por mulheres. Outro fator que merece atenção está relacionado às referências aos poetas a quem essas cadeiras pertenciam anteriormente, pois não há nenhum

nome feminino. Diante disso, observamos que ainda há muito que se avançar para que mais mulheres ocupem tais espaços

A cordelista quando chega em outra cidade sente a necessidade de reafirmar enquanto nordestina, mostrando as suas raízes. Num movimento de anti-desraizamento, não perde as suas origens. O cordel contribuiu com a sua trajetória de luta contra uma aculturação que a migração pode proporcionar, não sem distanciar o nordestino das referências características de sua região.

Os casos de Dalinha e tantas outras mulheres que procuram refúgios e reencontros em locais distantes de sua terra natal mostram que para elas foi fundamental reafirmar e manter a sua identidade nordestina para que pudessem assumir espaços. A sua persistência em ocupar os postos de trabalhos, ainda que precários, além de escolas, universidades e academias de literatura mostra a independência que buscam para sobreviver numa sociedade que tenta aniquilar, super explorar e oprimi-las, constantemente.

4.2 A migração como temática para a expressão da cordelista

São algumas as possibilidades para tratarmos da presença feminina na literatura brasileira de cordel. Tendo em vista que este trabalho se desenvolve a partir do contexto da migração, é pertinente buscarmos identificar como essa questão se expressa nos textos da mulher cordelista. Nesta seção, realizaremos a análise de dois textos de Dalinha Catunda, que respectivamente tematizam a migração e a independência feminina: *Eu sou o sertão* e *Nem freira nem meretriz*. Após a análise, buscaremos observar como a motivação apresentada pela autora para a sua migração, dá-nos a noção de como as relações de poder existentes entre os gêneros integram e influenciam o contexto migratório de mulheres.

Nas terras alencarianas
Eu nasci e me criei
Não foi por causa da seca
Que de lá eu desertei
Parti para me libertar
E aprender a voar
Migrante assim me tornei (CATUNDA, 2016).

A abertura deste texto de cordel nos revela alguns aspectos que consideramos importantes. Em primeiro lugar, porque localiza a região Nordeste de forma metonímica, pois o termo “terras alencarianas” é equivalente ao estado do Ceará, terra natal do escritor José de Alencar. Em segundo, porque ressalta um dos maiores motivadores da migração nordestina para o Sudeste, a seca. Por último, porque a voz que se enuncia nega este motivo e afirma que é a necessidade de liberdade que a torna migrante.

De início temos a pista de que quem escreve é uma mulher, já que sabemos que a autoria é de Dalinha Catunda, logo, observamos a sua motivação dialoga com os dados sobre a migração de mulheres que expusemos anteriormente. Afirmamos isso também com base na entrevista com a autora, contida na subseção anterior. Isso é, o seu deslocamento tem como maior estímulo a busca pela independência. No caso de específico da autora, a motivação foi uma gravidez que provocou grande impacto em sua família, levando o pai a expulsá-la de casa.

A escolha do gênero cordel e o teor do texto revelam por outro lado que, apesar da necessidade de “liberdade” e da “ruptura dos laços”, a voz enunciativa valoriza a sua origem, ressalta a natureza, os hábitos e outras particularidades da região em que nasceu. Embora afirmada como migrante, essa voz enfatiza que o sertão é o seu “reino verdadeiro”, expressando assim uma relação de pertencimento, mesmo quando em trânsito entre duas regiões.

Sou ave de ribanã
Não esqueci o roteiro
Vivo entre o Ceará
E o Rio de Janeiro
Tatuei no coração
O retrato do sertão
O meu reino verdadeiro (CATUNDA, 2016).

A própria escolha do gênero cordel para a expressão feminina de mulheres nordestinas revela que, embora migrantes, os sujeitos não necessariamente apagam as suas origens. Sendo cordelista e nordestina, Catunda se utiliza de um gênero discursivo que lhe é familiar como um potencial veículo para a sua expressão.

Neste texto, outras questões são evidentes, como a narrativa da mulher migrante que, embora transitando entre o rural e o urbano têm no primeiro a fixação de sua identidade, haja visto o próprio título do texto “Eu sou o sertão”. Além de certa utopia e estado de “elevação” - uma vez que distante do seu local de origem, essa voz enunciativa busca recriá-lo - por meio do gênero literário escolhido, da sonoridade e da seleção e combinação de palavras que caracterizam a oralidade própria do povo sertanejo.

Na septilha supramencionada observamos a intensidade do “laço” que essa voz mantém com o sertão, cujo retrato ela tatua “no coração”, e cuja imagem sugerida é a de um “reino verdadeiro”. Com isso observamos que a aproximação com o local de origem se expressa por meio da fantasia e do simbólico.

Com relação ao texto “Nem freira nem meretriz”, formado por quadras, a autora recria a experiência vivenciada em seu meio social quando engravidou. Observamos que a ruptura

com o papel que lhe era pré-determinado, torna-a “bode expiatório” do entorno em que vive. Para esse artigo, selecionamos algumas quadras que revelam que apesar disso a mulher pode buscar o seu próprio espaço e não necessariamente se convence pelos padrões ou alcunhas que a sociedade tenha lhe impor.

[...]

Você já sabe da última,
Que a danada aprontou?
Namorou um desquitado,
E o pudor onde ficou?

*

Já viu? Está de barriga!
E ela nem é discreta,
Com aquela pança toda
Andando de bicicleta

[...]

Não baixei minha cabeça,
E resolvi ser feliz.
Não entrei para conventos,
Nem me tornei meretriz.

*

Porém quando fui tangida,
De fato o mundo ganhei.
Peguei a estrada da vida,
Inventando a minha lei.
[...] (CATUNDA, 2016).

A partir deste excerto observamos que mais uma vez o contexto da migração é retomado, por outro lado, a motivação aparece melhor delineada. Esta voz enunciativa nos mostra que esteve na condição de outro colocado para fora dos limites, por uma sociedade incapaz de conviver com a diferença (BRANDÃO, 2006).

Nesse texto, Dalinha recria a relação com o entorno social onde vivia quando a sua gravidez foi descoberta. Sendo do interior, onde os valores são arraigados a concepções da moral religiosa, uma jovem solteira grávida que anda de bicicleta pode ser entendida como uma afronta aos padrões da família tradicional. Isso não apenas fica evidente na entrevista de Dalinha como também no texto supramencionado.

A partir daqui entendemos que seja importante compreender com a orientação de uma perspectiva crítica como o papel da mulher é pré-determinado socialmente. Na concepção da filósofa francesa Simone de Beauvoir, os seres se tornam mulheres a partir de padrões e valores pré-determinados por uma cultura patriarcal.

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode construir um indivíduo como um Outro (BEAUVOIR, 2009, p. 361).

É partindo desta concepção de como se constrói a mulher enquanto “outro” é que podemos compreender as relações de gênero. Neste sentido, Scott (1998, pp. 21-22) recomenda a utilização da categoria de gênero para a análise histórica dessas relações, a sua concepção de tal categoria está baseada em duas partes e várias “subpartes”.

A noção essencial de gênero a partir de Scott (op. cit.) tem duas proposições: 1) trata-se de um “elemento constitutivo das relações sociais que se baseiam nas diferenças percebidas entre os sexos”; 2) corresponde a “uma primeira forma de significar as relações de poder”. Além de quatro elementos com relação entre si: a) “símbolos culturalmente definidos que evocam representações múltiplas”; b) conceitos reguladores que priorizam interpretações limitadas das “possibilidades metafóricas” de tal símbolo; c) oposição binária d) identidade subjetiva.

A partir daí entendemos que a opressão sofrida pela autora no contexto de sua migração não é mero acaso, ou somente específica dos costumes de sua região. Por outro lado, faz parte das relações assimétricas estabelecidas entre homens e mulheres no contexto mais amplo do sistema patriarcal. Sendo uma jovem “de família”, para a qual já havia um destino planejado - casar-se e ter filhos apenas nessas condições - Dalinha não poderia ter descumprido as regras, como o fez, o seu ônus foi a vergonha, o escândalo.

Por outro lado, não é no lugar da submissão que ela se posiciona, em determinada quadra de “Nem freira nem meretriz” expressa: “[...] Levando cercas nos peitos / Não deixei que me abatessem / Persegui os meus direitos”. Deixar a sua terra foi o caminho que encontrou para resistir e não se submeter aos padrões. Neste sentido, é extremamente simbólico o ato de levar “cercas nos peitos”, pois representa a transposição não apenas das fronteiras que isolam as propriedades interioranas, mas também a ruptura com padrões que limitavam a sua liberdade.

Embora o gênero seja constitutivo das relações sociais e o binarismo busque estancar os papéis sociais de homens e mulheres, há inúmeras formas de resistência e subversão desta lógica. O que se torna nítido no caso de Dalinha. Ainda assim, não podemos deixar escapar a pergunta: Qual é a situação da mulher no contexto do cordel brasileiro? Esta pergunta

permitiria a formulação de inúmeras hipóteses que poderiam nos levar a diferentes respostas. Devido a brevidade a que se propõe este artigo, optamos por delinear um breve panorama da produção feminina no cordel ao longo de nossa história.

É inegável que na história da literatura brasileira a identidade feminina esteve por muito tempo apagada. Em razão da lógica de uma tradição que segundo Hollanda (1991) é patrilinear, a identidade feminina no meio literário tornou-se marginal, uma vez que apenas os herdeiros desta tradição teriam a legitimidade para produzir alta cultura, porque também seriam estes filhos dos homens abastados os detentores dos meios de produção.

Como gênero textual que transita entre o erudito e o popular, o cordel, embora ocorra num contexto distinto, não escapa totalmente a essa lógica. Segundo Queiroz (2006), o possível primeiro cordel feminino foi publicado sob um pseudônimo masculino em 1938, a autora de *O violino do diabo ou o valor da honestidade* publicou-o sob o pseudônimo de Altino Alagoano.

Nessa época a distribuição dos folhetos de cordel no Nordeste já estava consolidada de forma sistemática, sob o risco de que, se publicado sob a autoria de uma mulher, o folheto não pudesse ser vendido. Sobre isso, Queiroz (2006, p. 57) pontua: “Para publicar, nos idos de 1938, a cordelista utiliza um disfarce, uma máscara para obter a aceitação popular numa sociedade patriarcal”.

Atualmente existem diferentes iniciativas para a inserção de mulheres no mundo do cordel. Queiroz (op. cit., p. 59) elogia o projeto SESCordel, resultado de uma parceria da unidade de Juazeiro do Norte com a Academia de Cordelistas do Crato. Segundo ela, por meio deste projeto, algumas cordelistas contaram com a possibilidade de a sua criação ganhar visibilidade.

Para Santos (apud QUEIROZ, 2006, p. 60) a presença feminina na literatura de cordel tende a uma ressignificação do gênero, uma vez que as temáticas passam a abarcar não apenas o universo feminino, mas também questões do entorno social no qual a mulher está inserida. Para essa autora, simultaneamente, as cordelistas “inauguram outros espaços de veiculação do cordel, como escolas, passeatas, instituições e universidades”.

Voltando ao contexto da migração, em especial, à Dalinha Catunda, a autora também é ícone da autonomia da mulher no meio. Conforme mencionamos, Catunda ocupa uma cadeira na Academia Brasileira de Cordel, no Rio de Janeiro, tem cinquenta folhetos publicados, além

de livros. Organiza encontros, mantém um *blog* na *Internet* com vários de seus textos disponíveis para leitura, o **Cantinho da Dalinha**.

Participa também de outros *blogs*, como o projeto **Cordel de Saia**, que é resultado de uma parceria entre a autora e outras cordelistas e no qual se preza a diversidade com a publicação de autores e autoras. Não é nosso objetivo neste artigo aprofundar na questão das novas tecnologias, porém, é importante salientarmos que nesse contexto surgem como um potencial meio para a difusão do fazer artístico de mulheres como Dalinha.

A partir da leitura dos seus textos e dos dados obtidos na entrevista, observamos que o contexto da migração de mulheres nordestinas, bem como a sua produção autoral são entrecortados por relações de poder que ainda se baseiam nas diferenças e nos papéis previamente determinados pelo gênero. No entanto, é por meio do cordel que Dalinha constrói uma narrativa de sua própria trajetória de vida, em que a migração aparece como um evento decisivo, que não promove o apagamento de suas raízes e que, em disso, promove a necessidade da afirmação dessas.

Além disso, a experiência de Dalinha não é um ponto fora da curva da realidade social brasileira, pois, como mulher, inserida numa sociedade patriarcal, a autora experimentou cedo o peso da opressão determinada por seu papel social. O que de modo algum a impediu de transpor os limites impostos, contagiando-nos com os seus escritos tão potentes.

Considerações finais

Numa sociedade machista como a brasileira a discussão sobre as questões de gênero é essencial e sempre oportuna no sentido de propor a reflexão sobre o quanto a determinação de papéis sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos escamoteiam relações de poder.

Aqui buscamos identificar o quanto essas relações se expressam dentro do contexto da migração e observamos que, em geral, o deslocamento de mulheres está ligado a fatores relacionados ao seu papel de gênero, como no caso da cordelista cearense Dalinha Catunda, sobre quem se concentrou boa parte da discussão aqui realizada.

Entendemos também que, neste cenário de disputa, o Cordel enquanto gênero literário, pode ser um espaço em potencial para a expressão da mulher nordestina e migrante, de quem o contexto social e cultural apresenta particularidades. Já que as temáticas escolhidas por

mulheres comumente versam sobre a sua condição, além de outras temáticas sociais que a afetam na vida cotidiana.

Consideramos a experiência desta pesquisa como satisfatória, uma vez que nos permitiu entrar em contato com a narrativa da migração feminina, especialmente, a que se expressa nos textos de Dalinha Catunda. Esperamos que este trabalho nos sirva como um ponto de partida para uma investigação mais ampla e que nos permita conhecer a concepção de diferentes mulheres nordestinas sobre a sua própria condição e maneira de estar no mundo.

Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. **Tereza Batista cansada de guerra**. Bahia. 1978.

BARROS, José D'Assunção. **História Cultural: um panorama teórico e historiográfico**. In. Textos de história, vol. 11, n° ½, 2003.

BEAUVOIR, Simone. *Infância*. In: **O segundo Sexo**. 1ª parte. Vol. 2 p. 361-430. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BRADLEY, H. **Fractured indentites**. Cambridge: Polity Press, 1996.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Mulher ao pé da letra: A personagem feminina na literatura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BRASIL. **Censo Demográfico e Contagem da População**. IBGE, Brasília: 2010.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **Cultura Popular: revisitando um conceito**. In. Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 8 n.16, 1995, p. 179-192.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

FOUCAULT, Foucault (org.): **A critical reader**. New York: Brasil Blackwell, 1986.

GÓES. Karolyne Ribeiro. **A literatura de cordel: elementos formadores da região nordeste**. Congresso internacional de história. 2011.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *O estranho horizonte da crítica feminista no Brasil*. Trabalho realizado para o Colóquio “**Celebración y Lecturas: La crítica literaria em Latinoamérica**”, Ibero-Amerikanisches institut Preussischer Kulturbesitz, Berlin, 20-24 de novembro de 1991.

JANNUZZI, Paulo de Martino. OLIVEIRA, Kleber Fernandes de. **Motivos para migração no Brasil e Retorno ao Nordeste**. São Paulo em perspectiva, Rio de Janeiro, vol. 19 n.4, p. 135-137.

LISBOA, Teresa Klebar. **Gênero e Migrações – Trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas**. REMHU – Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. Ano XIV - Números 26 e 27 – 2006.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma História Crítica do Cordel Brasileiro**. SP. 2012.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres Cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de Cordel**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras – UFMG. Belo Horizonte, 2006.

SANTOS. Luciany Aparecida Alves. **Literatura de Cordel e migração nordestina: tradição e deslocamento**. Estudo da literatura brasileira contemporânea. n° 35. Brasília, janeiro-junho de 2010, p. 77-91.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Trad. DABAT, C. R.; AVILA M. B. Original: _____. *Gender: a useful category of historical analyses*. **Gender and Politics of History**. New York. Columbia University Press, 1989.

SILVA, Raimundo José da. **Identidades e Representações do Nordeste na Literatura de Cordel**. Universidade Federal do Mato Grosso. Três Lagoas. 2008.

SOUZA, Medeiros Filho &. **Seminário sobre o homem e a seca no Nordeste**. RJ. 1984.

Referências eletrônicas:

ABLC <<http://www.ablc.com.br/>>. Acesso: 25/03/2016.

Dalinha Catunda: <<http://goo.gl/qPLorf>>. Acesso: 11/04/2016.

Joao Antonio de: <<http://goo.gl/mdWtBm>>. Acesso: 15/03/2016

Leandro Gomes de barros: <<http://goo.gl/xOmNIJ>>. Acesso: 15/03/2016.

Rosario Pinto: <<http://goo.gl/ajAZX4>>. Acesso: 11/04/2016.

Negritude e Sexualidade por Maria Psoa

As mulheres negras são as que mais tem obstáculos na vida para sobreviver. Desde muito tempo brigam para permanecerem vivas. Na escravidão eram tidas como algo qualquer, usadas e massacradas. Depois da escravidão criou-se o seu resquício. As mulheres, assim como todo povo negro foram afastados para as periferias das cidades, não podendo ter acesso à educação, saúde e lazer. Eram munidos de muita cultura negra, africana e indígena. Muita resistência existia. Mas até hoje são marginalizados e ainda tentam nos excluir da sociedade. As mulheres negras são as que

estão embaixo na pirâmide de qualidade de trabalho, são os piores empregos reservados para elas, recebem três vezes menos que um homem branco para exercer a mesma função. Sofre assédio moral, racismo cotidiano e hipersexualização por ser mulher e negra. A mídia passa ideias erradas, sobre nós mulheres negras, que somos mulatas, vendem a imagem de glocalidade para vender nossos corpos para gringos, que precisamos afinar o nariz, alisar o cabelo para sermos bonitas. E ainda quando somos lésbicas ou bissexuais sofremos o triplo de preconceito. Somos mais sexualizadas, fetichizadas e sofremos estupros corretivos, a violência mais perversa, nos estupram por sermos mulheres e lésbicas.

Essa situação precisa acabar! Só a resistência e a organização de nós mulheres, negras e LGBT daremos um basta nisso. Mas não basta ser mulher, negra e lgbt, é necessário a organização de toda a classe trabalhadora, mulheres e homens negros pobres, lgbts faveladas que sente e sofre na pele o gosto do descaso que nosso povo vem sofrendo há anos, nós queremos reparações que por muito foi negado, mas é preciso muita luta, pois nenhum governo, ou alguém vai nos dar esse prazer, é preciso arrancar das mãos dos capatazes e da casa grande, os ricos que só nos exploram!